Espaço Público Urbano E O Uso Da Mídia - Um Estudo De Caso Sobre Uma Praça¹

Sueli Ferreira Schiavo²

Resumo

Neste texto elabora-se uma reflexão teórica a partir de um estudo de caso relacionado à forma como foi percebido o uso de um espaço público urbano. O estudo se deteve sobre uma praça localizada em um bairro da região metropolitana de São Paulo. O conflito entre interesses de diferentes grupos sociais se refletiu na perda de sentido e significados em um determinado período de tempo. Entende-se que na contemporaneidade o exercício da cidadania está limitado e há grande incentivo ao uso de aparatos tecnológicos o que tem promovido maior isolamento entre as pessoas. Considera-se sobre a possibilidade de diferentes questões ligadas à comunicação e à sociabilidade incidirem na apropriação sobre o uso e a funcionalidade do espaço público dentro de um modelo de lógica produtiva. Fundamentou-se principalmente na visão crítica dos autores como Edgar Morin, Harry Pross e Milton Santos.

Palavras-chave: praça, conflito urbano, espaço público.

Abstract

This text elaborates a theoretical reflections from a case study related to how it was perceived the use of urban public space. The study took place on a square located in a neighborhood of the metropolitan region of Sao Paulo. The conflict between the interests of different social groups was reflected in the loss of meaning and significance of the use of public space in a given period of time. It is understood that in contemporary citizenship is limited and there is great incentive to the use of technological devices which have promoted more isolation between people. It is considered the possibility of different issues related to communication and sociability impinge on understanding and ownership on the use and functionality of public space within a model of productive logic. Was based mainly on the critical view of authors like Edgar Morin, Harry Pross and Milton Santos.

Keywords: square, urban conflict, public space

¹Texto desenvolvido na disciplina Mídia e Sincronização Social – PPG Doutorado em Comunicação, (UNIP/2011).

² Doutorado em Comunicação - UNIP, email de contato suelischiavo@gmail.com.

O espaço público urbano

A praça da qual este texto se ocupa em tratar como um estudo de caso, está localizada em um bairro da região do Grande ABC Paulista, Brasil. No final dos anos 90 do século XX, a geografia dessa praça que tem uma configuração física circular e plana, apesar do bairro estar localizado em uma parte alta dessa região, se compunha de espaços de terra com um gramado pouco conservado, algumas esparsas árvores e plantas, espaços de calçada ao redor que permitia circulação para atravessar e fazer caminhada. Havia alguns bancos de alvenaria espalhados no entorno que normalmente abrigavam pessoas sentadas que liam o jornal, circulavam ou permaneciam em conversas com vizinhos em momentos de descontração.

Historicamente, na década de 1960 essa praça abrigava o ponto final da única linha de ônibus que servia os bairros da região. As ruas do entorno não eram asfaltadas nem a praça tinha calçadas. Como no entorno havia padaria, farmácia, empório, bar, a praça se constituía de um ponto de muita movimentação de pessoas por diversos motivos. Ao longo do tempo, o bairro em que esta praça está localizada cresceu em número de habitantes que migraram para esta região, vindos de diferentes regiões do país. Os bairros do entorno também cresceram, muitas fábricas foram instaladas na região e as pessoas trabalhavam principalmente no setor produtivo industrial. Com o tempo, as fábricas foram se mudando para outras regiões em que havia oferta mais atrativa de redução de impostos. A região sofreu uma degradação significativa de recursos bem como alternou seu público local. Houve mudança no modelo produtivo da região que tinha enfoque mais forte no setor industrial automotivo e que foi se configurando para serviços e comércio. Outros tipos de pequenas empresas vieram a se instalar na região. O entorno da praça,

assim como toda a região ao longo do tempo, recebeu asfalto, calçadas e serviços públicos como iluminação e saneamento básico.

Na década de 1980, esporadicamente às tardes de domingo, grupos de fiéis de evangélicos se reuniam na praça para promoverem culto, com música, auto falante, discursos empolgados e pessoas que ocupavam toda a praça. Esses eventos duravam cerca de 2 a 3 horas, aconteciam em finais de semana cuja temperatura era agradável e com sol. Pessoas circulavam bem vestidas e com crianças nas calçadas no entorno da praça e das cercanias do outro lado da rua, representando um grande movimento local. Em épocas de eleições, políticos de diferentes partidos ocupavam a praça para falarem em alto falantes sobre suas propostas, havia muitos discursos e apresentações artísticas para chamar a atenção do público. A praça também era usada como forma de transeuntes atravessarem para encurtar caminho na movimentação pelo bairro.

Havia moradores que não apreciavam essas movimentações que promoviam aglomeração de pessoas aos finais de semana, consideravam o barulho e estavam insatisfeitos com essas ações públicas. Um tempo depois a praça recebeu um investimento paisagístico e foi totalmente remodelada. Foram retiradas as calçadas de seu entorno, foi colocada grande quantidade de terra de modo que ela já não se constituía mais como um espaço plano. Foram colocadas muitas plantas do tipo com hastes formando espetos, os bancos se mantiveram em pequeno número só na parte central. Mais árvores foram plantadas e não se propiciava mais a circulação ao redor da praça ou em seu interior, pois foi colocado uma formação de pedras em alguns trechos no chão que não eram confortáveis para a caminhada. Assim, não mais ocorreram encontros de fiéis ou de políticos nessa praça, porque não havia condição para acomodar a presença de pessoas. Também não era mais confortável

utilizá-la para transpor ou cortar caminho na circulação do dia a dia no bairro.

Com a mudança da gestão pública e diante de insatisfações das pessoas que perceberam que perderam aquele espaço de circulação e encontro, houve novamente uma reformulação paisagística dessa praça. Não chegou a ser algo que voltasse a acomodar os diferentes interesses, porém ficou um pouco mais humanizada.

É possível que o número de moradores locais incomodados com a movimentação na praça seja muito menor que o número de pessoas que de alguma forma se beneficiavam do uso desse espaço público. Também é possível que pessoas que ocupavam a praça em eventos que aconteciam não eram moradores locais em sua maioria. Em todo caso a mudança na condição da praça em abrigar pessoas em seu espaço, prejudicou também moradores locais que a utilizavam na locomoção entre os demais espaços do entorno da praça, bem como aqueles que a usavam para lazer e entretenimento.

Esta descrição de caso demonstra como a correlação de forças entre grupos sociais interferem no uso e na apropriação do espaço público. Isso aponta dificuldades no comportamento social e na administração de conflitos de convivência urbana. Intrigante nesse caso foi como se passou muito tempo sem que o espaço dessa praça pudesse ser aproveitado pelos grupos sociais. Situações como essa propiciam o confinamento social e o incentivo ao uso da mídia eletrônica. Dentro de seus lares, protegidos e isoladas as pessoas recebem os conteúdos produzidos.

No livro *Espaço público: do urbano ao político*, Luiz Sérgio Abrahão relata uma situação pesquisada por sociólogos sobre a influência da questão paisagística em que a forma como é feita a organização do espaço público pode implicar na “ausência de vida social e perda de sociabilidade” (ABRAHÃO, 2008, p. 13) O que se poderia inferir nesse estudo de caso, seria sobre a possibilidade de algumas pessoas moradoras de proximidades

da praça, por não estarem de acordo com a influência de outros grupos sociais como fiéis e eleitores, poderiam ter promovido uma intervenção para que esse espaço tivesse a condição social remodelada, de modo a não comportar mais aquele tipo de manifestações.

Movimentos de ação da ordem da religião e da política partidária agregavam um número significativo de pessoas para compartilharem do espaço público em um determinado período de tempo. Questão do simbolismo, das crenças e valores, possivelmente serviram de base para uma reconfiguração física do espaço como uma forma de impor restrição e de conter outras pessoas em se manifestarem. No texto: “*Entrevista com Vicente Romano: A procura por uma vida livre. Algumas notas sobre a antropologia simbólica de Harry Pross*” há uma reflexão referente ao julgamento sobre valores de forma a serem considerados como superiores ou inferiores quando transmitidos pelas pessoas em suas formas simbólicas.

A medida que nos socializamos, contrastamos os valores iniciais com os novos valores que recebemos, inclusive os oriundos de outras culturas. Descobrimos a relatividade dos valores quando os contrastamos com outros. Ao serem colocados em relação com outros, vemos que não há o porquê de nossos valores serem superiores ou inferiores aos outros. (MENDONÇA, 2007).

Harry Pross entende que a cultura promove a incorporação dos valores pelas pessoas e que quando se manifestam pelos simbolismos também servem para estabelecer regras de convivência social. Os conflitos surgem à medida que se colocam para fora esses valores, pois os símbolos tem força comunicativa, tem poder que se materializa nas ações humanas. Para esse autor é importante entender como os símbolos podem causar uma relação de superioridade ou de submissão, ele entende que a sociedade de classes é uma forma de demonstrar as desigualdades sociais que estão presentes e também contribui para se configurar um verticalismo simbólico

quando, por exemplo, se fala em classe alta, média e baixa. Martín-Barbero Martín-Barbero vai ressaltar que é no processo de luta ou de existência que as pessoas se identificam como uma determinada classe.

A classe surge quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre eles e contra outros homens cujos interesses são diferentes dos seus (geralmente opostos). Classe é, assim, uma categoria histórica, mais que econômica. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 102)

Harry Pross vê o homem como um ser condicionado pelos símbolos, Hannah Arendt reforça essa percepção em seu livro *A Condição Humana*, em que afirma “os homens são seres condicionados” e “todos os aspectos da condição humana tem alguma relação com a política”. (ARENDT, 2007, p. 17-15) Entendendo política como uma forma de exercer influência sobre outras pessoas no conjunto social, neste estudo de caso poderia-se inferir que também os rituais religiosos e os encontros políticos são uma forma de condicionamento humano e de uma ação política no mundo.

Norbert Elias, também se refere ao condicionamento humano, em seu livro *Condição Humana*. Esse autor reflete o quanto é difícil penetrar o “envoltório dos mitos” que “condicionam em larga medida a imagem que os homens formam das sociedades por si constituídas” (ELIAS, 1985, p. 27). Segundo ele, os medos estão muito presentes na sociedade, assim como as questões relacionadas à finitude da vida. A forma como a pessoa lida com esses medos no contexto cultural da sociedade pode levar a ações de afastamento. No caso deste exemplo, com base nessa análise pode-se inferir que as tensões sociais que permeiam o cotidiano da vida e o sentido social que tem a religiosidade e o contexto político partidário para elas podem estar interferindo nas relações e expondo os conflitos. Depreende-se que o condicionamento

humano é ocasionado por crenças e valores. Observa-se a possibilidade das pessoas acreditarem que possa haver uma hierarquia desses valores. Estes são manifestados através dos símbolos, se pensados como “superiores e inferiores”, frente à dificuldade em lidar com os medos, isso pode levar a um agravamento nas relações. No que concerne aos diferentes interesses e a condição de comunicação entre grupos sociais isso pode implicar em dificuldade de convivência urbana.

Considerando a caracterização deste período histórico contemporâneo, o uso da mídia limita o contato humano presencial, corpo a corpo. As pessoas estão mais direcionadas para o consumo do que para as relações humanas, os vínculos sociais são frágeis. Há tantas notícias ruins sendo divulgadas, um excesso de informação negativa, há uma imprevisibilidade dos fatos e dos acontecimentos. Esses fatores que incidem sobre a sensação de vulnerabilidade social nas pessoas e como elas lidam com isso, propicia ainda mais o uso de aparatos tecnológicos como a televisão e a Internet. A facilidade de acesso a esses recursos promove uma forma de isolamento. O uso da mídia eletrônica simula uma sensação de estar em comum com outras pessoas, sem a necessidade da exposição do corpo.

Para Tönnies a mudança que significa a presença moderna das massas deve ser pensada a partir da oposição de dois “tipos” de coletividade: a comunidade e a sociedade (associação). A comunidade se define pelas unidades do pensamento e da emoção, pela predominância dos laços estreitos e concretos e das relações de solidariedade, lealdade e identidade coletiva. A “sociedade”, pelo contrário, está caracterizada pela separação entre meios e fins, com predominância da razão manipulatória e a ausência de relações identificatórias do grupo, com a consequente prevalência do individualismo e a mera agregação passageira. A falta de laços que verdadeiramente unem será

compensada pela competência e pelo controle. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 51)

É frequentemente à distância que se faz na contemporaneidade ações para as pessoas mobilizarem recursos para mudar a situação que as oprimem. Para se integrarem, discutirem necessidades sociais e humanas, se defenderem de situações que as afligem, as pessoas passam a ser mais frequentemente mediadas por aparatos tecnológicos. Se relacionando sem a presença do outro, este vai se tornando cada vez mais alguém idealizado porque não está presente, não está frente a frente em carne e osso. No exemplo deste estudo de caso, pode-se inferir que o movimento aglomerado de pessoas que acontecia na praça poderia trazer para as pessoas que moravam no entorno um sentimento de imprevisibilidade.

Algumas funções cognitivas podem estar sendo usadas de forma diferente na atualidade até por não estarem sendo exigidas. Milton Santos, traz a visão de como se pensa o espaço, em seu livro *Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*, e alerta sobre como é diferente a percepção das pessoas quanto ao espaço e a paisagem. “A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa forma, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada.” (SANTOS, 1988, p. 20) Pode-se pensar que a representação e o uso do espaço público urbano era significativamente diferente entre os grupos sociais em conflito no caso dessa praça. Pode-se inferir que quando a percepção é seletiva pode-se ver ou ouvir apenas o que está dentro do “interesse próprio”, daquilo que diz respeito ao “ponto de vista verdadeiro”, desconsiderando outras questões que tenham a ver com o interesse e o ponto de vista do outro.

Ao analisar a limitação humana que leva a pessoa e os grupos sociais a pensarem estar com a verdade, aquilo que deve prevalecer (como no caso da praça em que a

alteração paisagística conseguiu afastar determinados grupos sociais de promoverem diferentes usos daquele espaço), buscou-se nas reflexões de Edgar Morin a compreensão de que, “o conhecimento da complexidade humana faz parte do conhecimento da condição humana. Esse conhecimento nos inicia a viver, ao mesmo tempo, com seres e situações complexas” (MORIN, 2003, p. 49) O entendimento dessa complexidade do sujeito e das ideias, o princípio da inclusão/exclusão e sobre o julgamento humano, na compreensão de Morin, que reflete sobre a interdependência do sujeito em relação à sociedade, o todo em relação a parte e a parte em relação ao todo, leva a pensar sobre a prudência das relações.

No egoísmo, eu sou tudo, e os outros são nada; mas, no altruísmo, eu me dou, me devoto, sou inteiramente secundário para aqueles aos quais me dou. O indivíduo sujeito recusa a morte que o devora; e, no entanto, é capaz de oferecer sua vida por suas ideias, pela pátria ou pela humanidade. Aí está a complexidade própria da noção de sujeito. (MORIN, 2003, p. 127)

Nesse sentido pode-se inferir, que os fiéis que se encontravam nessa praça em rituais religiosos buscavam espaços públicos urbanos para poderem falar de suas crenças, daquilo que os mobiliza e condiciona para estarem juntos. Entretanto, para poderem se expressar e aproximar outros interessados ou simplesmente estarem em sociedade, quando assim se exprimiam, podem não ter em sua forma de comunicação captado a percepção sobre o interesse alheio, que poderia estar comprometido com outras necessidades não manifestas. Uma sociedade voltada para o consumo e a produção através do trabalho, que acontece dentro de rígidos padrões e regras de procedimento e conduta, promove hábitos individualistas, não favorece o entendimento e a aproximação de diferentes grupos sociais naquilo que possam ter em comum, na busca de suas necessidades humanas. Os gestos humanos constroem e transmitem a cultura como um complexo sistema

comunicativo. São limitadas as percepções sobre a situação e o entendimento do espaço público urbano como um lugar social que reproduz conflitos, alienações e contradições existentes das relações humanas.

Neste estudo foi possível perceber que dentro de uma determinada lógica produtiva, o comportamento das pessoas tende a se tornar condicionado através dos aparelhos ideológicos de estado³, reproduz as limitações do pensamento e da cultura, no gesto, nas ações do grupo social em que se está inserido.

É possível observar neste caso, que frente às exigências sociais, as pessoas podem não se dar conta de suas limitações e da falta de espaços para realização de suas necessidades associativas e comunitárias e dos conflitos interpessoais e intergrupais. Dessa forma, reproduzem a opressão oculta e não oculta a que estão todos submetidos pela forma organizativa da sociedade, ao mesmo tempo em que corresponde a uma descarga de tensão que se acumula dentro da própria lógica social.

Há também que se levantar as questões que corroboram para que essa situação se mantenha, principalmente pelos “aparelhos ideológicos de estado”. Por exemplo, como a escola, quando mantém um modelo rígido de disciplina que não contribui para emancipação humana para o entendimento da vida em sociedade como um fator de libertação; a igreja e as seitas religiosas com seus valores, crenças e repressões do comportamento humano; o modelo de mídia que massivamente define modos de ser, modelo de consumo para as pessoas, padrões e exigências de comportamentos, formas de viver e de estar no mundo para que seja assimilado e reproduzido.

Este processo social e cultural é tão intrínseco que não se discute sua existência, se obedece. Como se todas as pessoas

estivessem sedadas, como se houvesse uma espécie de “normopatia”, sempre devendo-se evitar conflitos diretos, agir de forma simulada e restringido a ação do outro sem se perceber que isso significa tolher a própria ação ou limitar-se a si próprio em termos de liberdade de expressão e de plena existência amparada pelo respeito nas relações sociais.

Considerando que a forma, estrutura e funcionalidade de um espaço público urbano se constitui como uma totalidade indissociável, o no caso desta praça, neste exemplo de caso, pelas limitações que lhe foram impostas, restringindo muitas pessoas de poderem fazer uso dela, deixou por um longo período de tempo de atender como um espaço de sociabilidade no cotidiano. Afirma Martín-Barbero.

É sumamente pertinente, contudo, o modo pelo qual Foucault leva a cabo a releitura das relações entre cultura e política: [...] quem exerce o poder? De onde o exerce? Mediante “os relevos e instâncias de hierarquia, de controle, de vigilância, proibições, coações”? [...] negação do popular como sujeito não só pela indústria cultural, como também por uma concepção dominante do político que tem sido incapaz de assumir a especificidade do poder exercido a partir da cultura, e tem achatado a pluralidade e complexidade dos conflitos sociais sobre o eixo unificante do conflito de classe.

A ação de alguns grupos sociais pode restringir a de outros, neste exemplo de caso pela alteração paisagística da praça que não permitiu mais a ocupação em coletivos. Imagina-se como poderia ter havido uma ação de resistência dos grupos atingidos. Imagina-se que de alguma forma tiveram que demonstrar suas insatisfações em não poderem fazer uso do espaço. É possível que esse tipo de insatisfação tenha contribuído para mobilizar ações por uma reforma na praça e restaurar a funcionalidade perdida. O fato é que por muitos anos a praça deixou de abrigar

3

Para mais informações vide a obra de Louis Althusser “Aparelhos ideológicos de estado”.

grupos de pessoas e prejudicou até o uso de moradores locais em atravessarem para encurtarem o caminho. Na contemporaneidade se tem observado uma reprodução contínua de um modelo de vida em sociedade em que a referência do outro pode ser perdida quando se tem apenas atenção aos interesses próprios. O modelo individualista promove a atomização das pessoas e desrespeito do interesse coletivo em diversos sentidos. O microcosmo social reproduz o macrocosmo social onde os antagonismos e a luta de classes se apresentam em conflito. Uma questão a ser refletida pelos diferentes sujeitos neste estudo de caso, diz respeito a pensar sobre que tipo de cidadania se defende, frente ao modelo de imprevisibilidade de acontecimentos relacionados a vivência em sociedade, se não houver uma mudança de perspectiva de individualismo para um modelo de interdependência entre os sujeitos?

Ao pensar sobre o que poderia ter sido diferente no fenômeno ocorrido neste estudo de caso, isto é, em que medida os moradores incomodados com a movimentação “excessiva” de pessoas ocupando a praça aos finais de semana poderiam ter ações diferentes, o entendimento de complexidade se estabelece. Como neste exemplo de caso, os fiéis que desejavam manifestar sobre suas crenças poderiam ter uma atuação que não incomodasse com o barulho moradores locais, bem como respeitasse crenças distintas. É possível pensar que mudanças na forma de condicionamento social seriam necessárias. Em uma modelo de sociedade que tem pressa é difícil compreender o processo necessário para atender aos interesses próprios e dos grupos sociais em conflito, tanto quanto para promover o respeito e consideração do outro nas ações simbólicas manifestadas. A praça neste caso reproduz situações que estão no cotidiano da vida urbana.

Considerações finais

Este texto trouxe uma reflexão sobre um estudo de caso em um determinado período da história de uma praça localizada no ABC Paulista. Analisou-se os interesses em conflito sobre o uso e a apropriação do espaço urbano. Compreendeu-se que nesse tipo de situação pode-se refletir sobre o processo de sentido e significação social do espaço que promove o encontro entre as pessoas. Isso foi possível perceber a partir do entendimento sobre o momento em que a alteração da estrutura física paisagística da praça prejudicou a circulação de pessoas e dos acontecimentos sociais locais. Refletiu a dificuldade de reconhecimento do interesse do outro e a mídia como uma forma alternativa que precariza as relações humanas. Por este exemplo de caso, um determinado espaço público urbano deixou de promover diferentes ações de grupos sociais.

Refletiu pela contextualização teórica com visão crítica de diferentes autores, como os fatos relacionados podem se refletir na existência humana frente a uma forma de entendimento de mundo. Dentro de uma lógica produtiva que incentiva o uso de aparatos tecnológicos em detrimento ao uso do espaço público acontecem situações em que questões de sociabilidade podem ser desconsideradas. Analisou que a expressão pessoal pode ser limitada por padrões de comportamento que são condicionantes. Analisa que isso tem o potencial de promover segregação e exclusão social. Entende-se esse fenômeno como de alienação e sedação dos sujeitos.

Dessa forma o estudo conclui que o uso do espaço público urbano pode ser potencializador de cidadania, mas na medida em que perde essa característica ou deixa de ter esse sentido e significado, apenas se inclui na paisagem, como imagem, dentro de uma lógica que isola e despotencializa os sujeitos.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Sérgio Luís. Espaço público: do urbano ao político, Ed. Annablume, 2008.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana, Forense Universitária, 2007.

_____. A vida do espírito, Relume Dumará, RJ, 2000.

BAITELO JR, Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. Artigo em São Paulo em Perspectiva, 12(4) 1998.

_____. O animal que parou os relógios – ensaios sobre a comunicação, cultura e mídia, Annablume Ed., 2003.

_____, BARRETO, José Roberto. Comunicação e os ritos do calendário – entrevista com Harry Pross, CISC, 1992.

ELIAS, Norbert. Condição Humana. Editora Bertand Brasil, 1985.

HALL, Edward T. La dimensión oculta, Siglo XXI editores. 2003.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ed. Ática, 1980.

MARTÍN-BARBÉRO, Jesus. Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Entrevista com Vicente Romano: A procura por uma vida livre. Algumas notas sobre a antropologia simbólica de Harry Pross. Artigo. Revista Ghrebh, v. 2, n. 12, 2008.

MORIN, Edgar. Da Necessidade de um Pensamento Complexo. In. Org. Martins, Francisco Menezes e Silva, Juremir Machado da - Para Navegar no Século XXI – 3ª ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003.

_____. A cabeça bem-feita, Editora Bertand Brasil, 2003.

PROSS, Harry. La violencia de los simbolos sociales, Editorial Anthropos, 1989.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

_____. Pensando o Espaço do Homem, Edusp, 5ª ed., 2007.

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. A contribuição de Henri Lefèbvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia. Arquivo eletrônico disponível em

<<http://confins.revues.org/5633#tocto1n2>>. Acesso em 22.11.2011.